


Lutas corporais indígenas: o estado do conhecimento

Arlie Stephanie Menezes Pereiraⁱ 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Paracuru, CE, Brasil

Symon Tiago Brandão de Souzaⁱⁱ 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Itapipoca, CE, Brasil

1

Resumo

Neste trabalho objetivamos apresentar o estado do conhecimento realizado acerca de pesquisas que abordam a temática das lutas corporais indígenas. Assim, a pesquisa se justifica pela necessidade de se entender o que vem sendo publicado acerca desta temática. Para isto, o procedimento utilizado foi o levantamento bibliográfico, sendo realizado por meio de consulta à três bases de pesquisa, quais sejam: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); seguido da leitura e refinamento dos dados. Os resultados apontaram para a escassez de pesquisas com relação ao tema elencado, sendo encontrados apenas 6 trabalhos e que abordavam apenas três lutas: Kapi, Xondaro e Ikindene.

Palavras-chave: Lutas corporais indígenas. Lutas indígenas. Estado do conhecimento.

Indigenous body struggles: the state of knowledge

Abstract

In this work, we aim to present the state of knowledge about researches that address the theme of indigenous bodily struggles. Thus, the research is justified by the need to understand what has been published on this topic. For this, the procedure used was the bibliographic survey, being carried out by consulting three research bases, namely: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Journal Portal of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (Capes) and Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD); followed by reading and refining the data. The results pointed to the scarcity of researches related to the listed theme, being found only 6 works and that approached only three fights: Kapi, Xondaro and Ikindene.

Keywords: Indigenous bodily struggles. Indigenous struggles. State of knowledge.

1 Introdução



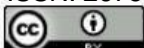
As lutas são um dos conteúdos obrigatórios na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) para a disciplina de Educação Física. Porém, segundo Pereira e Souza (2021) as lutas corporais indígenas sempre ficam em segundo plano ou não são sequer mencionadas neste conteúdo; e de maneira geral tal conteúdo quando tratado na escola se remete a abordagens de lutas como Jiu-jitsu, Karatê, Judô, Kung-Fu e Capoeira. Com isso foi levantada a seguinte questão de pesquisa: como se apresentam as pesquisas sobre lutas corporais indígenas?

Assim, objetiva-se neste trabalho apresentar um estado do conhecimento realizado por meio de um levantamento bibliográfico acerca de pesquisas que abordam a temática das lutas corporais indígenas. Para tal tecitura, três bases de pesquisa foram consultadas, a saber: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal de Periódicos da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Tais bases foram selecionadas por serem acesso livre, além de possuírem trabalhos com possível qualidade acadêmico/científica.

Tal pesquisa se justifica pela necessidade dos próprios pesquisadores em favorecer aos interessados um proêmio para se entender o que vem sendo publicado acerca desta temática. O estado do conhecimento sobre esta temática se faz imprescindível, pois

Quando pensamos nos processos culturais que envolvem as populações do campo, das florestas e das águas, rememoramos a luta contra um modelo capitalista de desenvolvimento que considerou essas populações como invisíveis, ofuscando-as no silenciamento e na destruição de seus saberes (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 125).

Assim este texto está dividido em: “Introdução”, ademais apresentada, em que se expõe a questão norteadora, o objetivo, a justificativa e a apresentação das seções do texto; “Metodologia” em que se descreve como foi realizada a pesquisa, os descritores e as bases bibliográficas consultadas; “Resultados e discussões” em que são apresentados os trabalhos encontrados nas buscas e sobre o que estes tratam; e, por





fim, as “Considerações finais” em que retomamos o objetivo do estudo proposto e refletimos sobre as principais ideias apontadas e as limitações.

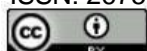
2 Metodologia

3

O estado do conhecimento de determinada temática traz o desafio de analisar e discutir produções acadêmicas em diversos campos do conhecimento, tentando redarguir quais características e perspectivas estão sendo prestigiadas. O mapeamento de estudos científicos relacionados à temática abordada possibilita-nos entender as produções existentes no campo da ciência, além de apontar os principais focos desses estudos, desvelando as fundamentações teóricas e metodológicas utilizadas a partir dos achados. Dessa forma, o estado do conhecimento nos remete a mapear e dialogar sobre as diferentes produções em diversos campos de conhecimento.

Tal pesquisa foi denominada de estado do conhecimento porque aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado (ROMANOWSKI; ENS, 2006), no caso deste trabalho: as lutas corporais indígenas. Para isto, o procedimento utilizado foi a consulta à três bases de pesquisa: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal de Periódicos da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Para a busca nas três bases foram utilizados os seguintes descritores: luta indígena, lutas indígenas, lutas corporais indígenas; bem como, termos que remetem a nomes de lutas corporais indígenas: Xondaro, Ikindene, Huka-huka e Uka-uka, Kapi, djassú, Aipenkuit, Oi’o, Wa’i, Otaarünü, luta dos meninos xavante e luta do maracá. Os descritores foram escolhidos a partir da leitura de Pereira (2021) em que o livro “Práticas corporais indígenas: jogos, brincadeiras e lutas para implementação da lei 11.645/08 na Educação Física escolar” faz uma descrição mais aprofundada sobre as lutas indígenas. A busca foi realizada no dia 29 de maio de 2021, em busca simples, de forma não booleana, sem a combinação de descritores. Após as buscas foi realizado o refinamento dos resultados com leituras sobre os trabalhos e uma análise dos mesmos.



3 Resultados e Discussão

A consulta às três bases selecionadas foi resumida no seguinte quadro:

Quadro 1 – Resultado das buscas

Descritores	Fonte	Total de registros
luta corporal indígena	Scielo	0
lutas corporais indígenas	Portal de Periódicos da Capes	0
luta indígena	BDTD	0
Xondaro	Scielo	0
	Portal de Periódicos da Capes	3
	BDTD	4
Huka-huka Huka huka Uka-uka	Scielo	0
	Portal de Periódicos da Capes	0
	BDTD	0
Ikindene	Scielo	0
	Portal de Periódicos da Capes	1
	BDTD	1
Idajassú	Scielo	0
	Portal de Periódicos da Capes	0
	BDTD	0
Aipenkuit	Scielo	0
	Portal de Periódicos da Capes	0
	BDTD	0
Kapi	Scielo	1
	Portal de Periódicos da Capes	0
	BDTD	0
Otaarünü	Scielo	0
	Portal de Periódicos da Capes	0
	BDTD	0
luta dos meninos xavante	Scielo	0
	Portal de Periódicos da Capes	0
	BDTD	0
luta do maracá	Scielo	0
	Portal de Periódicos da Capes	0
	BDTD	0

Fonte: Autoria própria

Já a partir do Quadro 1 podemos perceber a lacuna sobre pesquisa com esta temática, e apesar do número inexpressivo de trabalhos encontrados, faz-se necessário

comentar cada um deles. Mas antes de nos voltarmos a discussão dos trabalhos encontrados, sendo importante explicar alguns pontos.

Nas bases Scielo, Portal de Periódicos da Capes e BDTD quando da busca com o descritor “luta indígena” foram encontrados 3, 15 e 17 trabalhos respectivamente, porém estes não remetiam a temática em questão, pois abordavam a questão das lutas sociais e políticas dos povos indígenas. Assim, temos o Quadro 2 com o resultado dos trabalhos, após o refinamento das buscas.

Quadro 2 – Resultado das buscas após refinamento

Autor	Título	ano
CARVALHO, Fernando Orphão de.	<i>Obscure cognates and lexical reconstruction: notes on the diachrony of the Xinguan Arawak languages</i>	2016
MENDES, Mara Souza Ribeiro.	Xondaro – uma etnografia do mito e da dança Guarani como linguagens éticas	2006
CATIB, Norma Ornelas Montebugnoli.	Os Ritos das Danças Xondaro e do Terreiro da Aldeia Guarani M'Bya – Agúapeu e das Danças Circulares	2010
SANTOS, Lucas Keese dos.	A esquiva do xondaro – movimento e ação política entre os Guarani Mbya	2017
GUIMARÃES, Denise Guimarães.	As danças indígenas na formação inicial em Educação Física: app didático para o 2º ciclo do ensino fundamental	2019
COSTA, Carlos Eduardo.	Ikindene hekugu: uma etnografia da luta e dos lutadores no Alto Xingu	2013

Fonte: Autoria própria

Para o resultado com o descritor “Xondaro” foram encontrados 4 trabalhos na BDTD; e mais 3 no Portal de Periódicos da Capes, todavia, esses eram repetidos das buscas da BDTD. Mesma coisa aconteceu com o descritor “Ikindene” em que o único trabalho foi encontrado nas duas bases de pesquisa.

Na primeira base consultada, a Scielo, só foi encontrado um trabalho com o descritor “Kapi”, para o qual foi detectado o trabalho intitulado *Obscure cognates and lexical reconstruction: notes on the diachrony of the Xinguan Arawak languages*¹ de Fernando Orphão de Carvalho (2016). Neste primeiro trabalho traz uma discussão

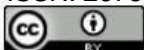
¹ Cognatos obscuros e reconstrução lexical: notas sobre a diacronia das línguas arawak xinguanas (tradução nossa)



semântica de algumas palavras em língua ameríndia Waurá/Mehinaku, em que o autor menciona primeiramente sobre o substantivo *huka-huka* e faz referência a uma luta semelhante a uma luta *corpo-a-corpo* de importância ritualística na região do Alto Xingu. No texto ele acaba por explicar que as palavras *kapi* e *Yawalapiti kari*, ambos substantivos, denotam a luta *huka-huka*, constituindo reflexos semanticamente alterados do etimônimo *k^hapi* que quer dizer “mão”.

Acerca desta afirmação do autor inferimos que a luta *kapi* é conhecida pelos não indígenas como *Huka-Huka* feminino. Tal luta é praticada durante um ritual, que é descrito pelos nomes *Yamurikumü*, *Yamurikumã* ou *Iamurikuma*. Esse ritual onde acontece esta luta feminina é conhecido como a festa das super mulheres ou festa das hiper-mulheres (PEREIRA, 2021). A festa é como uma espécie de vingança das mulheres, onde elas cantam em forma de sátiras direcionadas aos homens e ao final há a luta corporal (MELLO, 2005).

Já na busca realizada na BDTD foram encontrados 4 trabalhos com o descritor “Xondaro”. O primeiro estudo trata-se da dissertação de mestrado de Mara Souza Ribeiro Mendes (2006), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade do Sul de Santa Catarina, com o título “Xondaro – uma etnografia do mito e da dança Guarani como linguagens éticas”. A pesquisa se apresenta como um estudo antropológico, que aborda as relações míticas que envolvem as danças rituais do povo *Mbya-Guarani* do Morro dos Cavalos, região de Santa Catarina. Através de registros fotográficos do cotidiano da aldeia, buscou-se analisar o binômio mito-rito como fator organizacional do sistema social dessa comunidade, especificamente a Arte *Xondaro*. A autora traz a discussão sobre as relações entre Antropologia e linguagem, contextualizando esse entendimento sob a ótica da dança enquanto linguagem do movimento. Após, apresenta uma contextualização partindo inicialmente para o panorama histórico e geográfico da região do Morro dos Cavalos como terra indígena; trazendo para destaque a reflexão e análise sobre as pesquisas referentes aos Guarani. Mendes (2006) apresenta ainda as especificidades culturais dos atuais moradores da aldeia; e aborda a historicidade do mito, desde os povos gregos até a modernidade,

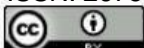




destacando a Arte *Xondaro*, em linguagem étnica e de resistência diante dos avanços da sociedade envolvente. Durante o estudo a autora analisou os dados coletados, em que ocorreu a explicitação das considerações em relação ao binômio mito-rito como linguagens étnicas.

7 O segundo estudo trata-se da dissertação de mestrado de Norma Ornelas Montebugnoli Catib (2010), com o título “Os Ritos das Danças Xondaro e do Terreiro da Aldeia Guarani M’Bya – Agúapeu e das Danças Circulares”. A pesquisa teve como objetivo identificar as matrizes presentes nas danças indígenas que se manifestam nas danças em círculos na contemporaneidade. Foi realizada uma entrevista estruturada com 13 sujeitos adultos, de ambos os sexos, com faixas etárias diferentes, que fazem parte da Aldeia do Aguapeú e que tem relação direta com os rituais de danças indígenas da comunidade. Os resultados do estudo indicam que os Cantos e as danças sagradas têm relação comum a todas as cerimônias indígenas de celebração, independente dos motivos. Esses rituais quando vivenciados, demonstram uma forma de conexão com os Deuses, mas por outro lado, têm o intuito de reunir a comunidade para vivenciar a diversão, o que os caracterizam tanto nos contextos do sagrado, como na perspectiva do lazer.

O terceiro estudo é a dissertação de mestrado de Lucas Keese dos Santos (2017), do Programa de Pós-Graduação em Antropologia social, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, com o título “A esquiva do xondaro – movimento e ação política entre os Guarani Mbya”. A pesquisa objetiva discutir como as relações com a alteridade operam politicamente entre os Guarani Mbya. O estudo emerge como um movimento capaz de ajudar a pensar as dinâmicas entre corpos, coletivos e mundos, apresentando-se como um movimento nem exclusivamente positivo, nem negativo. A dança do Xondaro tem como característica marcante a presença de um condutor que no momento do ritual, inicialmente, conduz os passos que deverão ser seguidos pelos demais participantes, e, em outro momento, o condutor passa a deferir golpes como rasteiras ou arremessar objetos nos demais integrantes, que deverão esquivar-se. O autor encerra o trabalho demonstrando como a esquiva guarani é um elemento

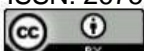




(movimento) capaz de produzir, de forma simultânea, possibilidades de resistência opostas e interdependentes.

E, por fim, o quarto estudo intitulado “As danças indígenas na formação inicial em Educação Física: app didático para o 2º ciclo do ensino fundamental”, dissertação de mestrado de Denise Guimarães (2019), do Programa de Pós-Graduação de Desenvolvimento Humano e Tecnologias, da Universidade Estadual Paulista. A pesquisa faz referência a normativas que contribuem para a inserção das danças indígenas nas disciplinas escolares da educação básica, como a Lei 11.645 (2008) que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nessa etapa de ensino, e a Resolução nº 2 (2015) do Conselho Nacional de Educação que determina a inserção de temas sobre as relações étnico-raciais, assim como o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação na formação inicial dos cursos de licenciatura. A partir do que coloca a BNCC quanto à proposta de ensino das danças indígenas nas aulas de Educação Física, o estudo objetiva produzir e analisar um aplicativo sobre danças indígenas, para ser utilizado em dispositivos móveis, na formação inicial em Educação Física para o segundo ciclo do ensino fundamental. A pesquisa foi realizada com 40 discentes do curso de licenciatura em Educação Física de uma instituição privada do interior do estado de São Paulo e mostrou que, na tentativa de investigar as experiências dos sujeitos com danças e danças indígenas na escola e fora dela, desde a educação básica até o ensino superior, as vivências com danças centralizam-se na primeira etapa do fundamental, explicitadas em momentos de festas e datas comemorativas, não havendo nenhuma menção quanto às vivências no ensino superior.

Em outro momento desta mesma pesquisa objetivou-se elaborar e analisar um material didático em forma de aplicativo sobre as danças indígenas, com vistas às habilidades de ensino da BNCC para o segundo ciclo do fundamental. Para a produção do material, houve a inclusão de mídias (imagens, textos, vídeos e documentários), em que apareceram quatro danças indígenas brasileiras: dança do Cariáçu, do Norte; dança do Toré, no Nordeste; dança da Ema, na região Centro-oeste; e a dança do Xondaro, nas regiões Sudeste e Sul. Importante dizer que apesar do foco do trabalho ser o uso de



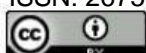


recursos tecnológicos, na perspectiva da construção de um aplicativo para dispositivos móveis, está sendo, também, colocado em questão o aprendizado no que tange às discussões sobre as relações étnico-raciais, mesmo que não seja o principal intuito, cumprindo o que propõem as normativas supracitadas.

Nota-se que todos os trabalhos trazem o Xondaro (que quer dizer soldado em língua portuguesa) como uma dança, isso porque ele é um ritual praticado somente para defesa e envolve dança, música e a luta corporal (PEREIRA, 2021). Mendes (2006) relata que a prática do Xondaro serve para aprender a defender-se de possíveis agressões, sendo praticado todos os dias com a função de “esquentar” o corpo para se proteger dos maus espíritos e denotando uma técnica peculiar que enseja agilidade, senso de direção e autocontrole.

Com o descritor “Ikindene” encontramos a tese de doutorado, proveniente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos, do autor Carlos Eduardo Costa (2013) que teve como base a luta indígena esportiva, mais especificamente a luta alto-xinguana (*kal. ikindene*) com o título “Ikindene hekugu: uma etnografia da luta e dos lutadores no Alto Xingu”. O autor realizou neste estudo um debate antropológico acerca das práticas esportivas, realizando a descrição e análise das modalidades disputadas em diferentes contextos sociais. Na tecitura do trabalho foi realizado um recorte etnográfico com o povo indígena Kalapalo da aldeia Tanguro, no Alto Xingu. O autor dá destaque para a luta alto-xinguana (*kal. ikindene*).

O que podemos constatar acerca do estado do conhecimento levantado é o tocante à escassez bibliográfica sobre a temática indígena das lutas corporais indígenas, que não são enfatizadas nas produções acadêmicas. O que acaba por corresponder em falta de material de pesquisa para os professores ou de fonte de material para ser abordado nos conteúdos exigidos pela BNCC, em especial na área de Educação Física, onde a temática das lutas é obrigatória. O que acaba por coadunar, por exemplo, com os achados de Pereira e Souza (2021) que realizaram uma pesquisa sobre a abordagem das lutas corporais indígenas em sala de aula com os professores de Educação Física do município de Fortaleza, apontando como resultado que tais que tais professores não





tratavam da temática, pois não tiveram formação (inicial ou continuada) e ainda relatavam a falta de material para se trabalhar a respeito do tema.

4 Considerações finais

10

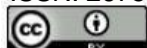
Neste trabalho objetivamos apresentar um estado do conhecimento realizado por meio de um levantamento bibliográfico acerca de pesquisas que abordassem a temática das lutas corporais indígenas; no qual pudemos perceber que há uma escassez bibliográfica, pois só foram encontrados 6 trabalhos quais sejam os estudos de Carvalho (2016), Mendes (2006), Catib (2010), Santos (2017), Guimarães (2019) e Costa (2013). Os resultados abordavam apenas as lutas Kapi (1 trabalho), Xondaro (4 trabalhos) e Ikindene (1 trabalho).

Denotamos que a relevância desta pesquisa consiste no fato de que, a partir dela, foi possível realizar um levantamento das publicações sobre as lutas corporais indígenas e realizar uma análise que possibilitou compreender o que já se havia produzido. Assim, intencionamos contribuir para uma reflexão de saberes étnico-raciais, considerando que são necessários mais estudos sobre a temática das lutas corporais indígenas. E que tal lacuna de estudo sobre este tema nos remete sobre a importância de ter-se, bem como divulgar materiais acadêmicos, e considerar explorar mais sobre este conteúdo e incentivar as pesquisas sobre a temática indígena.

Referências

BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília, DF: MEC/SEB, 2018

CARVALHO, F. O. de. *Obscure cognates and lexical reconstruction: notes on the diachrony of the Xinguan Arawak languages*. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas**, Belém, v. 11, n. 1, p. 277-294, jan.-abr. 2016 277, 2016.





CATIB, N. O. M. Os ritos das danças Xondaro e do Terreiro da Aldeia Guarani M'bya - Aguapeú e das danças circulares. 2010. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2010.

COSTA, C. E. **Ikindenehekugu**– uma etnografia da luta e dos lutadores do alto Xingu. Tese (Doutor em Antropologia Social). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 350p. 2013.

11

GUIMARÃES, D. G. **As danças indígenas na formação inicial em Educação Física: app didático para o 2º ciclo do ensino fundamental**. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro, 2019.

MELLO, M. I. **Iamurikuma**: música, mito e ritual entre os Wauja do Alto Xingu. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de São Carlos. Florianópolis, 2005.

MENDES, M. S. R. **Xondaro** – uma etnografia do mito e da dança guarani como linguagens étnicas. Dissertação (Mestrado em comunicação social). Universidade do Sul de Santa Catarina, p. 163. 2006.

PEREIRA, A. S. M. **Práticas corporais indígenas**: jogos, brincadeiras e lutas para implementação da lei 11.645/08 na Educação Física escolar. Fortaleza: Aliás, 2021.

PEREIRA, A. S. M.; GOMES, D. P. Dança encantada e de resistência: (trans) significações corporais no Torém dos índios Tremembé. **Corpoconsciência**, v. 22, n. 1, p. 120-129, jan./ abr., 2018.

PEREIRA, A. S. M.; SOUZA, S. T. B. de. Lutas corporais indígenas: um estudo com professores de Educação Física do município de Fortaleza-CE. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 25, n. 3, p. 34-48, set./ dez., 2021.

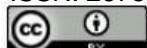
SANTOS, L. K. **A esquiva do xondaro**: movimento e ação política entre os Guarani Mbya. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

ⁱ **Arlene Stephanie Menezes Pereira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3042-538X>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

Contribuição de autoria: Autora orientou o estudo e desenvolveu a escrita





Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6058632073001777>
E-mail: stephanie_ce@hotmail.com

ⁱⁱ **Symon Tiago Brandão de Souza**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2899-9664>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro do grupo de estudos e pesquisa em Educação Física Escolar (GEPEFE-UECE).

Contribuição de autoria: desenvolvimento da escrita e correções finais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9818701809084867>

Email: symontiago@hotmail.com

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Especialista *ad hoc*: Maria Luce Tavares

Como citar este artigo (ABNT):

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; SOUZA, Symon Tiago Brandão de. Lutas corporais indígenas: o estado do conhecimento. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 3, e335779, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i3.5779>

Recebido em 27 de maio de 2021.

Aceito em 05 de julho de 2021.

Publicado em 06 de julho de 2021.

